



O SEXO COMO FETICHE NATURALISTA: UMA LEITURA DE *BOM-CRIOULO*, DE ADOLFO CAMINHA

Prof. Dr. Valdemar Valente Juniorⁱ

RESUMO – Este artigo tem por objetivo detectar elementos referentes à patologia sexual como parte integrante do Naturalismo tendo como referência o romance *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha. Em vista disso, a análise da obra remete ao episódio rumoroso que tem o sexo e a morte como expressões do aviltamento humano. No contexto do Rio de Janeiro do final do século XIX, um navio da marinha brasileira atracado no cais do porto possibilita ao marinheiro Amaro e ao grumete Aleixo alugarem um quarto de pensão onde a relação entre ambos se desenvolve a partir do que já ocorre em alto-mar. Nesse ambiente, a traição e o ciúme determinam o assassinato do grumete pelo marinheiro como uma extensão da submissão e da violência que caracterizam o sexo como fetiche.

PALAVRAS-CHAVE – Naturalismo; sexualidade; violência; homoerotismo.

A publicação de *Bom-crioulo*, romance de Adolfo Caminha, em 1895, suscita um conflito de enorme repercussão

ABSTRACT – This article aims to detect elements related to sexual pathology as an integral part of Naturalism with reference to the novel *Bom-Crioulo*, by Adolfo Caminha. In view of this, the analysis of the work refers to the rumorous episode that has sex and death as expressions of human debasement. In the context of late nineteenth-century in Rio de Janeiro, a Brazilian navy ship moored at the port pier allows the sailor Amaro and Aleixo cabin crew to rent a boarding room where their relationship develops from what is already taking place at high speed. In this environment, betrayal and jealousy determine the sailor's murder of the cabin boy as an extension of the submission and violence that characterize sex as fetish.

KEYWORDS – Naturalism; sexuality; violence; homoerotism.

no âmbito da crítica que o rejeita e do público que acerca dele silencia. Isso deve-se ao fato de o romance trazer à luz a homossexualidade, ainda que *O cortiço*



(1890), de Aluísio Azevedo, recorra ao mesmo tema sem carregar nas tintas do Naturalismo como expressões do sadismo e da perversão. Nesse sentido, a narrativa de Adolfo Caminha segue passo a passo as diretrizes da escrita literária a que se filia, atendendo a um fluxo de animalização da conduta humana, em vista da manifestação de patologias que se mostram no limite oposto à subjetividade romântica. Assim, ao arrimar-se às formas explícitas do Naturalismo, Adolfo Caminha tem em **Bom-crioulo** uma referência no sentido do rompimento de um tabu social referente aos apelos do corpo considerados como desvios, uma vez que Amaro, escravo fugido de uma fazenda de café, servindo à marinha, sacia seus instintos em Aleixo, grumete branco recém-chegado do sul do país:

O romance realista encara a podridão social usando luvas de pelica, numa atitude fidalga de quem deseja sanar os males sociais, mas sente perante eles profunda náusea, própria dos sensíveis e estetas. O naturalista, controlando a sua sensibilidade, ou acomodando-a à ciência, põe luvas de borracha e não hesita em chafurdar as mãos nas pústulas sociais e analisá-las com rigorismo técnico mais de quem faz ciência do que literatura. (SODRÉ, 1965, p. 29-30).

Assim, a presença de **Bom-crioulo** como narrativa que agrava ao extremo o lugar já precarizado da raça negra, aviltada em sua dignidade, por conta a escravidão que se prolonga, tende a conceber a força intrínseca de um movimento de resistência em vista dos cacoetes estéticos do

Naturalismo que entre nós busca imitar, sobretudo a partir do que representa a obra de Émile Zola. Transposto para o território tropical, essas expressões tendem a adaptar-se à realidade local, no que diz respeito ao estatuto da escravidão como configuração de um cenário condizente com a exclusão presente na obra de ficcionistas como Machado de Assis e Aluísio Azevedo. Por essa via, **Bom-crioulo** não possui outro recurso senão o de mimetizar, no plano naturalista, a dimensão hiperbolizada da brutalidade, recorrendo à exacerbação da homossexualidade como tema que transita do aspecto estético para o social. O que se configura como enredo desse romance diz respeito ao escravo fugido que encontra refúgio na marinha, o que do mesmo modo concorre para animalizá-lo.

A questão principal que permeia a narrativa corresponde às transgressões do corpo com sequência do que se estabelece no cotidiano do marinheiro embarcado. A dor e o prazer se intercalam como forma de manutenção da disciplina. Por sua vez, a sedução e a sevícia exercida por Amaro com relação a Aleixo parece compensar o ex-escravo e marinheiro rebelde de qualquer castigo, haja vista o emprego da chibata no transcurso das viagens marítimas. Do mesmo modo, os golpes sobre o corpo do marinheiro Amaro lhe parecem plenamente suportáveis se comparados aos que recebia como escravo em uma fazenda de café. Daí a necessidade de ampliação da estética naturalista, termo comum a parte expressiva da produção narrativa do final do século XIX, fazer com que Adolfo Caminha sirva-se de



Bom-crioulo como pretexto à potencialização de um lugar que não apenas o situa como escritor, mas, do mesmo modo, reitera sua condição de seguidor do que o Naturalismo representa:

Foi, então, nesse contexto social, político, econômico e cultural que Adolfo Caminha escreveu e teve a sua obra publicada, o que significa dizer que foi nesse contexto que se deu também a sua formação e a construção do seu nome de autor. No centro da discussão que propusemos neste trabalho está a figura do autor, tanto como sujeito como categoria para os estudos literários. (BEZERRA, 2009, p. 19).

O fetiche naturalista, portanto, contribui para que o princípio do cientificismo se ocupe da narrativa ao colocar em questão os instintos perversos que correspondem ao exercício da sexualidade por meio da dominação, contrariando as regras relacionadas apenas à procriação. Nesse sentido, Amaro e Aleixo atuam como predador e presa, a partir de uma sexualidade movida pela posse do homem negro sobre o menino branco. Isso faz jus ao que se estabelece como motivo que confere ao Naturalismo uma condição que expõe a vertente cientificista como extensão de uma crítica de teor social. Isso serve para estigmatizar o comportamento das camadas baixas da sociedade, por conta da perversão como registro de comportamento. No que se refere ao Realismo, a transgressão moral e o adultério atuam como sinais que diferem do que venha a ser o aviltamento da plebe sem expectativas, advinda da escravidão,

sem meios de poder superar sua condição de subalterna.

Em vista dos meios por onde a narrativa se encaminha, fica evidente a intenção de Adolfo Caminha em estabelecer uma relação de fidelidade com o Naturalismo e sua condição de escola literária que atende aos anseios da geração a que pertence. Nesse sentido, não há a mínima hipótese de a narrativa vir a tergiversar, seguindo um caminho paralelo ao que se define com extremo rigor. Por conta disso, a relação entre Amaro e Aleixo assume um caráter transgressor, inserindo-se como patologia que serve para aviltar o pensamento cristão do público leitor, diante do que considera uma afronta. A dimensão crítica do que em **Bom-crioulo** potencializa o sexo como expressão de desvio concorre para que nesse aspecto o Naturalismo encontre um reforço significativo. A sequência do que já fora definido em romances *como Casa de pensão* (1884) e *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, referenda em **Bom-crioulo** um ponto máximo, na medida em que o escândalo provocado é proporcional à elevação do tom de um discurso que chega ao clímax, tendendo, em seguida, a decair em seu nível de interesse:

Em *Bom-Crioulo*, sua posição não era normativa, mas transgressiva. Ele não só descreve uma relação sexual transgressiva, mas também ostensivamente ignora outros aspectos do convencionalismo social literária. O personagem central, um ex-escravo, representa o mais baixo escalão na hierarquia social. O romance está



localizado inteiramente num meio baixo e todos os personagens principais são da classe baixa. (HOWES, 2001, p. 16).

Desse modo, o Naturalismo no Brasil encontra em Adolfo Caminha, e especificamente em **Bom-crioulo**, uma representação de peso, uma vez que esse romance evidencia o preconceito da relação entre dois homens como cerne de uma narrativa que não se furta a evidenciar o jogo de cena e bastidor decorrente do encontro entre Amaro e Aleixo. Diante disso, o clima de transgressão se confirma na diferença do marinheiro castigado a chibatadas, quando embarcado, de sua postura em terra firme, quando o navio atraca no porto do Rio de Janeiro. Em ambas as situações predomina a dominação, na medida em que Aleixo é subjugado por Amaro, incidindo essa dominação na admiração do grumete pelo ex-escravo que resiste às chibatadas sem derramar uma lágrima ou expressar um grito de dor. A sedução que se converte em fetichismo sobre o corpo do grumete situa-se como obsessão de quem nele busca recompensar-se de sucessivas humilhações, seja como escravo em uma fazenda de café, seja como marinheiro, no convés de uma embarcação.

A medida da subjugação imposta a Aleixo, além do fetiche representado por seu corpo nu, exerce sobre Amaro o extravasamento de um prazer de que se compraz, em vista dos limites extremos da relação que se estabelece entre o amor e a morte. Essa situação levada ao extremo da convivência determina os rumos da

narrativa, uma vez que ao Naturalismo interessa a exacerbação dos instintos que se distanciam da espiritualidade para obedecer ao primado de patologias que conduzem o homem à irracionalidade animal. O atendimento desses instintos, do mesmo modo que busca elevados níveis de compensação, resulta na cobrança de um tributo a que as personagens da narrativa não têm como pagar. No entanto, lhes cabe descer a patamares inferiores no sentido de poderem atender à demanda de uma irracionalidade que delas se apodera como uma natureza sobre a qual não há controle. Assim, o contexto de uma narrativa marcada pela afirmação de valores ligados ao corpo faz de **Bom-crioulo** um fenômeno ímpar na produção narrativa de seu tempo.

O final do século XIX determina uma série de situações que na sociedade brasileira têm efeito, em vista dos reflexos que se fazem notar na criação literária. Assim, acontecimentos referentes à nova conjuntura política são mimetizados no âmbito de uma narrativa que ainda se atém ao Romantismo, mas se consolida a partir do Realismo e do Naturalismo como estéticas que confirmam um conjunto de mudanças que se fazem presentes. Isso concorre para que o Naturalismo atue de modo a aprofundar o debate social, ao tempo em que denuncia o esgarçamento das relações pessoais e desvenda sua intimidade mais profunda. A isso corresponde o lugar de **Bom-crioulo**



como obra que agudiza o debate acerca da homossexualidade, desvelando o halo de sedução e mistério em torno desse tema. Por sua vez, há que se pensar que Léone e Pombinha, em **O cortiço**, sequer chegam perto do nível de perversão que se identifica na relação entre Amaro e Aleixo, sendo a concretização desse encontro algo que atua de modo a protagonizar a narrativa em si mesma:

De certa forma, parece que os autores, ao se aproximarem dos cortiços, da prostituição, das relações amorosas entre marinheiros, desenvolveram simpatias por estes personagens e descobriram uma lógica própria que estava excluída, a priori, das teorias deterministas. O resultado é um discurso essencialmente contraditório, caindo ora no Determinismo biológico e social, ora naquilo que mais tarde irá constituir a tradição antropológica que hoje conhecemos. (FRY, 1982, p. 36).

A configuração de um tecido narrativo como referência de tudo quanto o Naturalismo enseja ganha o peso do que representa o encontro entre Amaro e Aleixo, repercutindo como aberração que, ao tempo em que reforça o significado do Naturalismo, também espanta os setores da sociedade que através dessas personagens manifestam sua indignação. *Bom-crioulo*, ao desfrutar de um lugar por vezes incômodo na hierarquia da narrativa naturalista, pelas questões que suscita, concorre como termo extremamente agravador do que essa escola literária significa como expressão de uma série de transformações em curso. A isso corresponde a necessidade de se trazer à

luz do debate social uma série de mazelas decorrentes do prolongamento do estatuto da escravidão, bem como da reverberação de níveis elevados de preconceito em uma sociedade arcaica que corresponde a um país de estrutura agrária e economia dependente. Diante das contradições inerentes a um sistema social precário se verificam em **Bom-crioulo** formas que reiteram a crítica que nesse romance pode ser identificada, uma vez que o país chega ao final do século XIX sem ter atendido às suas demandas mais urgentes.

Assim, o contexto em torno de um enredo que se impõe a partir da transgressão inerente aos apelos do corpo por vezes aparenta ser somente o fio condutor de uma narrativa cuja proposta se mostra muito mais ampla. Nesse sentido, o triângulo amoroso que se estabelece, por conta do relacionamento de Aleixo com Carolina, a dona da pensão, na ocasião em que Amaro é hospitalizado, após se envolver em uma briga, serve como desenlace que acaba por consagrar o êxito da narrativa. Desse modo, ao espaço de transgressão parece se sobrepor um conceito mais amplo de Naturalismo que se institui como reflexo do que fora a interferência do cientificismo sobre os demais campos do conhecimento, onde se inclui a literatura. Nesse sentido, o Naturalismo se adequa ao pensamento positivista que no Brasil passa a reger as ações da política que tem efeito com a queda da Monarquia e a ascensão da República. Por outro lado, o clima de tensão que se apodera da vida política abre espaços a uma estética que contribui de



modo direto para que o romance naturalista possa se impor a contrapelo, em vista da carga transgressora que se agrega a esse estilo:

O Naturalismo surgiu no Brasil como uma “literatura imoral”, em face dos preconceitos provincianos. Na verdade, sua ação teve caráter reformista: uma adequação do país aos padrões estéticos e ideológicos mecanicistas da Europa industrializada. Ao preconizar uma arte participante, levou a literatura a contribuir de forma ativa para a renovação da vida brasileira. Temas ou assuntos característicos do Naturalismo – como o anticlericalismo, o republicanismo, a luta contra o preconceito racial e contra o puritanismo sexual – permitiram novas definições socioculturais sobre a identidade do país. (ABDALLA; CAMPEDELLI, 2004, p. 138).

Diante disso, resta a **Bom-crioulo** ocupar o espaço que lhe é devido como romance que se impõe a partir das questões polêmicas que suscita. A margem de transgressão que se faz representar no âmbito da narrativa diz respeito à confluência de questões que funcionam como um fechamento, no plano do pensamento, às propostas do século XIX, encerrando um ciclo em cujo contexto de ideias o Naturalismo deixa de ter uma representação definitiva. No entanto, há que se pensar acerca de **Bom-crioulo** como obra que potencializa as discussões de seu tempo para além do preconceito contra as relações homoeróticas, a partir do momento em que toca em feridas abertas pela escravidão, bem como pela mentalidade conservadora que resulta no

emprego da chibata para conter a indisciplina nos navios da marinha. Assim, o tratamento aviltante contra o ex-escravo recrutado como marinheiro tem como extensão a sevícia e o fetiche do sexo que exerce sobre o corpo de Aleixo como uma espécie de desforra, configurando-se, por esse meio, o rompimento com a disciplina que o leva a ser castigado.

Mais uma vez, a violência assume uma posição que perpassa todas as relações que se confirmam no âmbito da narrativa como termo que sintetiza a própria razão de ser dessa obra. Diante disso, não se efetiva qualquer abertura de espaço referente à negociação entre partes opostas, havendo sempre a imposição de uma vontade sobre a outra. Nesse sentido, **Bom-crioulo** representa uma unidade ficcional imbatível, se for pensado o espaço exíguo em que cada uma de suas personagens se movimenta, não havendo qualquer margem de manobra referente às soluções que se possam sobrepor às dificuldades, do modo como elas se apresentam. Por sua vez, o único instante de relativo equilíbrio diz respeito ao momento em que Amaro, no escuro do quarto da pensão que ocupa, ao desembarcar no Rio de Janeiro, contempla o corpo nu de Aleixo, sob a luz de uma vela. Esta cena antecede o momento em que, contra sua vontade, o jovem grumete é possuído pelo ex-escravo como se fosse uma mulher, caracterizando-se com isso a animalidade com que os mais fortes subjagam os mais fracos como regra de uma selva humana:



O tema já de si abjeto, é tratado de modo que o torna extremamente chocante, com pormenores de todo em todo desnecessários, por vezes com um mau gosto declamatório espantoso num escritor da categoria de Adolfo Caminha” (MIGUEL-PEREIRA, 1960, p. 9).

Por sua vez, há que se pensar acerca desse romance como proposição ficcional que tem como eixo narrativo a ascensão e a derrocada da relação entre Amaro, Aleixo e Carolina, nada mais vindo a representar o que possa agregar-se à sequência dos fatos narrados, uma vez que tudo quanto a circunda resulta em termo acessório de valor irrisório. Diante disso, o Rio de Janeiro, cenário de ação de parte significativa do romance, em nada parece concorrer na composição do tecido narrativo do que em **Bom-crioulo** não possui maior interesse. O que se pode considerar como cerne da narrativa concentra sua força nos relatos que funcionam como instantâneos da relação erógena onde se identificam questões a serem desenvolvidas. Essas questões giram em torno de um mesmo problema, constatando-se ao final não haver a menor condição de se chegar a um termo que contemple a gama de desejos que a narrativa explicita.

A relação entre corpos determina o rumo de uma narrativa que se atém ao fetiche do sexo como campo de força do Naturalismo como um estilo emblemático, ao determinar um vínculo duradouro entre literatura e sociedade. Nesse sentido, Adolfo Caminha confere a seu romance a condição inequívoca de

representação da natureza instintiva do ser humano como atributo de um estilo que rejeita a subjetividade romântica em favor da razão científica que atua como tábula rasa de um tempo marcado pelo surgimento de novos paradigmas políticos e sociais. Diante disso, resta ao escritor assumir a inevitável condição de quem se atém às expectativas de sua época, em razão de sua fidelidade ao Naturalismo. Assim, a concepção de *Bom-crioulo*, em vista das questões que suscita, atende ao que se pode perceber para além de sua concepção estética, centralizando sua expressão narrativa no âmbito do que possa representar o escândalo representado pela relação entre dois homens. Por conta disso, não há como se deixar de atribuir a **Bom-crioulo** a condição de narrativa que amplia sua abordagem do plano estético em direção ao plano social.

A relação insidiosa que se estabelece em **Bom-crioulo** reitera a intenção de Adolfo Caminha em fazer desse romance um dos símbolos mais emblemáticos da narrativa naturalista, uma vez que o impacto causado no público referenda o sentido da obra. Pautado na ideia de confronto que caracteriza as relações amorosas para além do adultério, colocando em questão a homossexualidade, a narrativa invade a privacidade do leitor colocando em xeque a transgressão como desafio à ordem moral estabelecida. Nesse sentido, o Naturalismo atinge seu ponto mais



elevado, no que se refere ao grau de abertura com relação ao comportamento humano, na medida em que **Bom-crioulo** se impõe pela dimensão afirmativa dos temas que suscita. Não chegando a concorrer como narrativa que possa suplantar o que Aluísio Azevedo consigna em **O cortiço**, em vista do elevado índice de realização estética dessa obra, o romance de Adolfo Caminha possui o mérito de trazer à luz do debate uma polêmica que radicaliza ao extremo a ordem do comportamento, em vista da marginalização do ex-escravo como uma referência, configurando-se como ponto elevado do Naturalismo, uma vez que se inscreve como romance capaz de transfigurar a representação desse estilo:

A denúncia do regime opressivo está implícita na figura de Amaro, marginalizado pelo sistema social preconceituoso e discriminatório: o drama do cativo parece avultar na medida de suas qualidades pessoais. Daí o equilíbrio geral do romance, em que a tese geral se reflete no caso individual, e vice-versa; assim, o particular corrige a ideia pelo coletivo, e este retifica a imagem determinada pelo outro. (MOISÉS, 2000, p. 270).

A confirmação do Naturalismo como resposta à idealização romântica encontra em **Bom-crioulo** uma espécie de representação que se consolida para além da relação entre Amaro e Aleixo, na medida em que Carolina interfere, exercendo seu poder de sedução sobre o jovem grumete. Nesse sentido, a narrativa inverte seu eixo de ideias em função de um desfecho que interrompe a sequência de

fatos aparentemente previsíveis para que a alteração de seu enredo represente de modo contundente a razão de ser da estética naturalista. Por conta do desfecho que tem efeito, não há como se faça possível retroceder ao que não pode se expressar por outro meio, uma vez que a narrativa avança em direção a um desenlace que acaba por fugir ao controle do leitor desatento. Isso decorre do fato de a narrativa naturalista necessitar de elementos que sugiram a presença do inusitado como fração e ser acrescentada ao que já parece estabelecido, o que incide quase sempre no desenlace que lhe confere a condição trágica que justifica seu lugar essencial. Esse lugar, no entanto, decorre do fato de que ao enredo se impõe a necessidade de um desfecho que lhe confira o impacto de que se constitui seu sentido.

A relação entre Amaro e Aleixo, no que se refere à sua extensão, da convivência a bordo do navio ao espaço da cidade, corresponde à ampliação de possibilidades referentes a outros contatos que diferem da vida confinada ao navio em alto mar. Nesse sentido, a narrativa abre a possibilidade da interferência de Carolina como personagem que agencia o desenlace envolvendo a obsessão de Amaro por Aleixo, sendo a posse material do corpo de seu amante um troféu a ser conquistado como recompensa às humilhações do escravo em decorrência das chibatadas recebidas. Essa recompensa, por sua vez, mostra-se fraudada pela interferência de Carolina, a dona a pensão onde os marinheiros se hospedam. Ao aproveitar a ausência de



Amaro, hospitalizado, Carolina seduz Aleixo, levando-o ao exercício de uma sexualidade até então reprimida, uma vez que a experiência heterossexual do jovem grumete até então não se manifestara. Por esse meio, consuma-se uma instância de conflito que acaba por definir o sentido real do que a narrativa representa.

A filiação de **Bom-crioulo** à estética naturalista tende a assumir uma demanda de transgressões que no final do século XIX coincide com a carga de desencanto e desilusão de uma sociedade à deriva do processo histórico, buscando arrimo no pessimismo decadentista ou na subjetividade simbolista. Por outros meios, a afirmação do pensamento naturalista agrava ainda mais o abismo onde a degenerescência humana inevitavelmente chafurda, não sendo possível o estabelecimento de qualquer valor positivo que não resulte na derrocada do que sequer chega a se constituir em expressão definitiva. Diante disso, as relações que se estabelecem em **Bom-crioulo** caminham em direção ao aniquilamento e à morte, uma vez que as personagens envolvidas em seu enredo não possuem qualquer instrumento com que possam se defender diante do que se apresenta como ameaça, cabendo-lhes apenas reagir. Assim, a narrativa induz a um desfecho que concorre para desestruturar o sentido lógico de observação que tem por base o cientificismo:

O determinismo reflete-se na perspectiva em que se movem os narradores ao trabalhar as suas

personagens. A pretensa neutralidade não chega ao ponto de ocultar o fato de que o autor carrega sempre de tons sombrios o destino de suas criaturas. Atente-se, nos romances desse período, para a galeria de seres distorcidos ou acachapados pelo fatum. (BOSI, 1989, p. 192).

A dimensão de uma narrativa ligada a seu tempo, do ponto de vista da escola que determina os desígnios de sua geração, faz com que **Bom-crioulo** obedeça às regras vigentes, não transigindo em nenhum momento às normas estabelecidas por uma escrita literária que tem origem em Émile Zola e continuidade em Aluísio Azevedo, na condição de próceres do Naturalismo francês e brasileiro. Há que se pensar, por sua vez, que a escola brasileira ainda segue *pari passu* os modelos do que na Europa já se configuram como estilo triunfante, cabendo observar como índice diferencial as particularidades do que entre nós se configuram como um outro olhar acerca da realidade. Nesse sentido, Adolfo Caminha confere a **Bom-crioulo** as condições mais plenas de autonomia do que esse romance pode representar no âmbito de determinadas particularidades locais que são exploradas com absoluto senso de equilíbrio. Por esse meio, **Bom-crioulo** confere ao fenômeno da escrita sua incorporação ao cenário dos acontecimentos que só teriam razão de ser em vista de um significado estritamente brasileiro.

O fechamento que confere sentido à narrativa decorre de uma condição implícita à estética naturalista, uma vez que o encontro entre Aleixo e Carolina



deflagra o ciúme de Amaro, que acaba por degolar o jovem grumete. Diante disso, o estreitamento da relação entre o amor e a morte concorre como referência do Naturalismo, não havendo meios que possam dissociá-lo dessa relação de proximidade. Por sua vez, a narrativa tende a definir de modo indiscutível o seu final sem que para isso concorra qualquer possibilidade de negociação entre as diferentes partes envolvidas nesse relacionamento. Assim, o assassinato de Aleixo por Amaro, em vista da interseção de Carolina, funciona como ponto essencial de que a escola naturalista lança mão para evidenciar sua proposta mais efetiva. O encerramento do que nesse romance mostra-se como elemento fundamental decorre do aniquilamento de valores afirmativos, acabando por condenar cada uma de suas personagens à dispersão decorrente da submissão aos seus instintos:

A vingança organiza os farrapos de sua existência, mostra o que ele quer e o que a vida significa para ele. Com o assassinato de Aleixo (e mesmo que, no processo, ele destrua a própria vida),

Bom-Crioulo mostra como o mundo e o amor devem ser. (MENDES, 2000, p. 212).

A presença de **Bom-crioulo** no contexto do final do século XIX configura duas questões importantes que dizem respeito ao clima de mudanças referentes à Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Isso repercute ainda como resposta a que o Naturalismo se incorpora como estética que mais se aproxima da retórica positivista, bem como da situação conflituosa em curso. O clima de tensão que se instaura serve de pretexto ao assassinato como forma de expiação e sacrifício do jovem grumete. Assim, o retrato de uma sociedade às voltas com demandas sem solução a curto prazo reflete-se na violência das relações que do mesmo modo não encontram um termo comum. Por conta disso, a expressão estética do Naturalismo se define a partir da narrativa de Adolfo Caminha como espaço de fruição que referenda o clima de tensão social desse período. **Bom-crioulo**, nesse sentido, cumpre com extrema precisão o papel de desvelar os aspectos mais recônditos da crise que afeta o país.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALLA, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Tempos de Literatura Brasileira**. São Paulo. Ática, 2004.
- BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. **Adolfo Caminha: um polígrafo na literatura brasileira do Século XIX (1885-1897)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1989.
- CAMINHA, Adolfo. **Bom-crioulo**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura. Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1991.
- FRY, Peter. Léonie, Pombinha, Amaro e Aleixo: prostituição, homossexualidade e raça em dois romances naturalistas. In: EULALIO, Alexandre et all. **Caminhos cruzados: linguagem, antropologia, ciências naturais**. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 33-51.
- HOWES, Robert. Raça e sexualidade transgressiva em *Bom Crioulo* de Adolfo Caminha. In: **Graphos: Revista da Pós-Graduação em Letras: UFPB**. João Pessoa, vol. 7, n. 2/1, 2005, p. 171-190.
- MENDES, Leonardo. **O retrato do imperador: negociação, sexualidade e romance naturalista no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- MIGUEL-PEREIRA, Lucia. **Adolfo Caminha: trechos escolhidos**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.
- MOISÉS, Massaud. **A Literatura Brasileira através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **O Naturalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

¹ Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Pós Doutor em Literatura Brasileira pela UERJ. Professor do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estácio de Sá.